

Projecto: “marcas das ciências e das técnicas pelas ruas de Lisboa” com Cesário Verde à descoberta de Lisboa

Ana Luísa Janeira

Abstract

The purpose of this article is to present Lisbon in the light of Cesário Verde. It analyses the town-country and health-illness dichotomies linked to some aspects of urban organization of Lisbon from the end of nineteenth-century

Keywords

Cesário Verde, Lisbon, town-country, health-illness, panoptism

Resumo

Este artigo propõe apresentar Lisboa à luz de Cesário Verde. Analisa a dicotomia cidade-campo e saúde-doença associada a alguns aspectos da organização urbana de Lisboa a partir de finais do século XIX.

Palavras-chave

Cesário Verde, Lisboa, cidade-campo, saúde-doença, panoptismo

Projecto: “marcas das ciências e das técnicas pelas ruas de Lisboa” com Cesário Verde à descoberta de Lisboa¹

A configuração moderna fez emergir dicotomias inexistentes anteriormente. Muitas delas ligadas ao pendor da razão para traçar balizas e dominar através delas. É neste contexto que a necessidade de discernimento diferencial criou antagonismos entre o mesmo e o outro, com suas consequências discriminatórias entre branco e não-branco, europeu e não-europeu, homem e mulher, normal e anormal, doente e sano, racional e irracional. Antagonismos que a pós-modernidade questionou, na medida mesma em que denunciou o carácter artificial de muitas barreiras, sem qualquer realidade concreta, mas que só existiam, de facto, enquanto pretensas abstracções. Por isso, o pensamento actual está mais preparado para poder entender misturas, hibridismos e mestiçagens, como a reflexão consegue denunciar melhor o lado factício de muitas bifurcações. Por isso, também, que o século XIX possa ser revisitado por uma crítica que compreende os enredos do progresso e revela as limitações de muitas das euforias, o que acontece nomeadamente com as dicotomias cidade-campo, saúde-doença, razão-sentidos.

A descoberta de Lisboa com Cesário Verde revela uma organização urbana que já não é um burgo antigo, mas que regorgita ainda de fórmulas campesinas, pois, havia

“a concentração de uma população que vinha de fora, como havia a presença das aldeias, através da mobilidade maciça de vendedores ambulantes: o padeiro, a leiteira, batendo à porta, todos os dias, excepto ao domingo; a mulher da hortaliça (...) e, mensalmente, o amola tesouras e navalhas, galego, com uma surpreendente gaita-de-foles. Assim, por várias investidas, as moradias mantinham hábitos, como as ruas pululavam de figuras, com resquícios da província. Dentro do conjunto, assimilavam-se novos comportamentos. Baralhavam-se contextos. Perturbavam-se os espíritos.”²

Assim sendo e apesar da capital portuguesa começar a afastar o seu prolongamento tradicional em arredores demasiado próximos do centro, estava longe de ter conseguido um patamar a projectar-se na linha de um processo que desembocaria no lado oposto, e viria a dar New York ou Hong-Kong. Ou ainda a Avenida Paulista, no centro de São Paulo, marca evidente do que é ser uma cidade moderna, no caso, do território sul-americano. Na verdade, quem a percorre começa por sentir sensações atractivas e repulsivas, alimentadas por muitas contradições sensoriais, entre o magnetismo alienante e a euforia a resvalar para o cansaço inebriante. Como descobre, depois, quando passar a um momento de reflexão, que ela abriga um espaço distinto e um tempo especial: marcas de telecomunicações potentes, arquitecturas a fazerem-nos liliputes, mescladas com um transito e um frenesi pedestre que só por si magoam os olhos. As pessoas correm ou voam, dentro de uma coreografia delimitada por duas paralelas maiores, definidas pelos prédios, seguidas de outras que riscam os passeios e as duas vias principais para veículo. Este é o cenário que corresponde à ponta de lança de uma urbanidade destinada a avançar, sem ter nada ou ter pouco com o campo, mas que, mesmo assim, surtos imigratórios e formas de habitar alternativas insistem em não

¹ Texto preparado para ser apresentado no Primer Encuentro Internacional de Literatura Portuguesa, Lima, 22 de Agosto de 2007. Como, devido ao terramoto no Peru o encontro não se realizou, serviu de base para uma palestra no Departamento de Literatura da PUC-SP.

² Janeira, A. L. “Mutações dos Saberes no feminino”. VII Encontro Discursos e Práticas Alquímicas - Alquimias no Feminino. Lamego, 2007.

separar completamente.

Na maioria das metrópoles actuais, a dicotomia cidade-campo surge como um facto consumado, a tal ponto que ocorrem poucas hesitações sobre as fronteiras entre ambos; ou seja, a realidade oferece um referencial mais ligado a um lugar de alteridade do que a um lugar de passagem, através da oposição. Logo, fronteiriço sem ser transfronteiriço.

Neste caso, a forma de habitar adquire uma tal supremacia de estilo que a maioria das gentes identifica o seu quotidiano como a forma natural de viver, pelo que será este modo que se identifica com a medida para aferir as demais realidades, no espaço e no tempo. Por isso é que a cidade passou a ditar os hábitos que se querem generalizáveis e o campo passou a ser invadido por esses ares.

Todavia esta sensação tem uma história recente, pois só durante o século XX ficaram solidificadas as maiores distâncias entre a concentração urbana e a paisagem campesina. Ao mesmo tempo que ainda continuaram a ser necessárias digressões marcadamente provincianas, com comércio ambulante cruzando as ruas e os becos, a evidenciar como carecia de apoios e de infra-estruturas que só o não-urbano lhe poderia fornecer.

Esta presença das “serras” trazia uma nota característica às “cidades”, nomeadamente desde o romper do dia e durante a manhã, num rodopio de trocas e vendas que despontavam com o nascer do sol. Diga-se que de tarde era a população residente quem mais marcava as avenidas. Em zonas mais fabris, muito cedo e ao meio da tarde, era a roda-viva operária a sair das vilas e a entrar nos pátios, trazendo aos passeios e lojas uma multidão de gentes com origem longínqua, ou com casa nos arredores, fora-de-portas.

Tome-se de Lisboa, a situação a Norte e a Sul.

Desde o início até meados do século XIX e antes das quintas do Lumiar, o Campo Grande continuava a ser um espaço aldeão com destaque para uma célebre feira de gado. Depois disso, começaram a aparecer certos indícios de mudança: em 1857, passou a abrigar, a par de outras casas de estilo e alguns palácios, o Asilo de Dom Pedro V, para formação de criadas de servir, costureiras e professoras primárias; no ano seguinte, fez-se o ajardinamento, pelo que a afluência de todas as classes a estes jardins não se deu muito antes dos finais do século. O que, mesmo assim, não impediu de vir, para Entrecampos, o Mercado Geral de Gado, a partir de 1888. Assim sendo, e apesar da construção da Praça de Touros (1892) e do surgimento de algumas fábricas, a paisagem geral desta zona lisboeta não só permanecia rural, como se prolongava ao longo do eixo.

Paralelamente, a situação junto ao Tejo primava por uma azáfama portuária forte, ao longo do cais da Ribeira, do Cais de Sodré e de Santos, como já soavam trinados do fado pela Madragoa e sirenes fabris, pelos lados de Alcântara. No centro mais propriamente, a efervescência financeira, com destaque para a Baixa Pombalina: lojas, armazéns de abastecimento geral, instalações bancárias, homens de negócios, várias casas de agentes alfandegários, nacionais e estrangeiros, bastantes marujos de barcos atracados no rio e muitas, muitas varinas (de facto, ovarinas vindas de Ovar) com o seu ar brejeiro e as ancas a dar, a dar, imortalizadas, depois, no quadro de Jorge Barradas e na escultura de Lagoa Henriques.

É neste último ambiente que decorreu grande parte do quotidiano de Cesário Verde (1855-1886). E foi este o ambiente que o alimentou como poesia.

“Vê-se a cidade, mercantil, contente:
Madeiras, águas, multidões, telhados!” (91)

“E através a imortal cidadezinha,
Nós fomos ter às portas, às barreiras,
Em que uma negra multidão se apinha
De tecelões, de fumos, de caldeiras.” (111)

Se é certo que apanhou lados cortados da envolvente que o “preocupa”, com pincelas de aguarela. Também é certo poder avançar-se que isso acontece porque devia saber como era a possibilidade de um outro tempo e de um outro espaço, a marcar a essência do campo, lá pelas cercanias, incluindo “sítios suburbanos, reles!” (93)

“Cheira-me a fogo, a sílex, a ferragem;
Sabe-me a campo, a lenha, a agricultura.” (92)

Usando flashes instantâneos e repentinos, conseguiu sugerir com mestria o domínio da realidade por palavras soltas e expressões curtas, num cadenciado que vai desde a Rua dos Fanqueiros, onde trabalhava numa loja de ferramentas da família, até “Madrid, Paris, Berlim, Sampetersburgo, o mundo!” (125)

De facto esta exclamação de internacionalismo acontece numa cidade em mudança, quando os edifícios começam a subir e a apresentar já as “gaiola[s] do teu terceiro andar” (112), mas, onde moram sinais de vizinhança forte, o que é próprio de outros estádios de convivência.

“Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.” (73)

(...)

“E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe humedece as casas
E fina-se ao desprezo” (77)

Além disso, transpira conjuntamente outro pormenor revelador de uma comunidade fechada e menos habituada a contactos com o exterior, seja a frequente atracção pela mulher estrangeira, aqui encarada pelo com seu ar exótico. Seja essa quimera britânica, em particular, “impondo *toilettes complicadas!*”, a quem não deixa, contudo, de aconselhar:

“Mas cuidado, milady, não se afoite,
Que hão-de acabar os bárbaros reais;
E os povos humilhados, pela noite,
Para a vingança aguçam os punhais” (46)

Sejam ainda “as irlandesas têm soberbos desmazelos!” (47), ou o “teu valor romântico de «miss»” (155), “e eu vou acompanhando-a, corcovado, no *trottoir*” (220). Também a forma muito interessante, mas reveladora de sentimentos semelhantes, com várias oposições entre o Norte e o Sul, a atravessarem o *Nós* (147-176).

A poesia abriu-lhe, conseqüentemente, a possibilidade de fotografar numa placa especial, a das quintilhas e dos alexandrinos. Como lhe permitiu ainda a identificação de contrastes e de misturas que eram ainda mais agudas, há dois séculos e posteriores reminiscências. A presença da iluminação a gás, o macadame nas avenidas e o apito das fábricas revelam que alguns bairros começavam a abrigar as novidades do fontismo, a distanciar-se das proximidades antigas, como apontava a Avenida da Liberdade, traçada em 1879.

Concluindo, ao tempo, coexistiam com as novidades, áreas onde enxameavam também passeios insalubres, lama em dias de chuva e água escorrida nas paredes (dos pequenos quartos para muitos). Humidade a namorar as moças e moços tísicos, nas camas. Muitos passariam intocáveis por estas sensações, principalmente as mais tristes e incomodativas. Mas Cesário Verde, não.

O século XIX coabitou ainda com a dicotomia saúde-doença, que lhe agudizou o desaire civilizacional e tornou difícil fugir a estados de fragilidade mórbida a pairar sobre os “vencidos da vida”.

De facto, se é verdade que as novidades favorecem uma cidade onde a iluminação nocturna, “sob um bico de gás que abria em leque” (110), ocasiona uma exortação *Ao gaz* (129-131), como se notam avanços através da “larga rua macadimizada” (83), também é certo que num *Bairro Moderno* e apesar da “visão de artista” (85), “nós levantámos todo aquele peso que ao chão de pedra resistia preso com um enorme peso muscular” (86) ...

De facto, se é verdade que o progresso parecia estar a transformar o lado demiúrgico das ciências e das técnicas, com capacidades, competências e poderes insuspeitos, havia no ar uma qualquer sensação delimitante ligada a circuitos favoráveis a epidemias, nomeadamente a da *cólera-morbus* - anote-se que o Cemitério do Alto de São João e o Cemitério dos Prazeres foram construídos por altura de 1833 - bem como uma atmosfera corroída pela tuberculose, entre “uns barracões de gente pobrezita e uns quintalórios velhos com parreiras” (90)

Por isso, redobravam as tentativas de sustentar situações tão vitimadoras, das boticas aos laboratórios, ao mesmo tempo que se urdiam estratégias para controlo da doença em condensações populacionais. As quais teriam de ser tanto mais eficazes, quanto o surto e o contágio eram aterradores, principalmente em agregados urbanos. Como consequência, as políticas higienistas acabaram por assumir um primeiro lugar na planificação de novos bairros, a ponto de passarem à toponímia futura, pelas famosas “higienópolis”.

A Lisboa que viu nascer o poeta era uma metrópole corroída por uma memória colectiva estigmatizada por aflições de remotas pestes, e que ainda recentemente se havia confrontado com uma impotência que atingira muito o povo, por ser dizimada a família real: o rei D. Pedro V, a quem morrera a mulher jovem de uma angina, viria a morrer de paludismo, ao lado de um irmão.

“E ao persegui-la, penso acompanhar de longe
O sossegado espectro angélico da Morte!”

“Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer”. (117)

Sendo assim, esta sociedade sentia os avanços e as limitações médicas com uma

imensa ansiedade. Simultaneamente, associava-se à visibilidade-invisibilidade da doença de um modo angustiante, ao saber que ser-se físico não dava para esconder. Por isso, a par de uma luta pela cura, urdiam-se formas de reduzir a exposição social, com idas para o campo, como aconteceu com a família, fugindo para os arredores, entre Linda-a-Pastora e Caneças.

Cesário Verde serviu-se da arte para mostrar a tísia de uma maneira lúcida, num misto de proximidade e de quase distância. Não poupou palavras. Não poupou denúncias. Não camuflou a doença piorada pela miséria. Não iludiu os seus próprios receios, sofrimento e medos. “E eu sonho o Cólera, imagino a Febre, Nesta acumulação de corpos enfezados.” (125)

Aspecto que é de avultar sobremaneira, quando se tem presente que morreu aos 31 anos, numa família abastada, rodeado de homens e de mulheres fúteis, que não deixava também de poetar.

Diga-se, pois, que o conseguiu pela capacidade de se deixar atrair pelo contraste que predominava da sua personalidade, como continuou a sobressair na sua poesia.

Contraste que percepcionava de fora, pois não respirava, o meio, uma outra atmosfera: como era a elite portuguesa, com casos onde primava um *dandy* inconsequente, despido de qualquer articulação à colectividade operativa? Ou ainda como vivia o mundo literário burguês entre cafés e reuniões dançantes, à margem das classes pobres? Ou finalmente, como eram muitos os académicos coimbrões, fechados à realidade circundante e repetindo, sem cessar, ideias-feitas, num chorrilho de lugares comuns sem referenciais concretos?

Com essa atitude mostrava bem como assumia uma posição ao arrepio das orientações mais vulgares, na sociedade vigente – “Ó moles hospitais! Sai das embocaduras um sopro que arrepia os ombros quase nus!” (129)

“No caso dos dispositivos para doentes mentais, como acontece no Pavilhão de Segurança (1892-1896) do Hospital Miguel Bombarda, em Lisboa, as infra-estruturas favoráveis ao ver-tudo, correspondiam a linhas despojadas com grande singeleza repetitiva, anunciando o carácter numérico e despersonalizante de uma sociedade com colectivos anódinos.

Na verdade, o primeiro hospital psiquiátrico português associava-se aos demais, abrigando doentes provenientes da penitenciária, ou perigosos, num lugar bem orquestrado para o efeito – “planta circular rigorosamente simétrica (símbolo da razão e perfeição), parcialmente influenciada pelo sistema panóptico (vigilância com torre a partir de um ponto central) mas com características nacionais (pátio a descoberta e bancos de “estar”)”³.

O jogo visível-invisível é característico de comunidades, onde o sentido de protecção escuda um conservadorismo hipócrita ou um societismo fechado, auto-alimentado pelo controlo. “O inferno são os outros” virá a dizer Jean-Paul Sartre (1905-1980), mais tarde. Aparência que encontrou aqui formas sofisticadas de esconder ou de dar a ver, incluindo a força perdurável transmitida aos muros.

Assim sendo, o edificado é organizado no sentido de facilitar esquemas de ocultação e de des-ocultação, a partir de um ponto centralizado, bem como de áreas de velamento ou de des-velamento, delimitadas por perímetros circulares propícios à vigia.

³ Pavilhão de Segurança, Enfermaria, Museu. (Lisboa: Hospital Miguel Bombarda, 2004).

A função exercida pelo guarda, colocado naquele núcleo estratégico, não só representava uma invasão do privado e íntimo, a cobro de uma normatividade invasiva pelo olhar, mas também simbolizava um horizonte que é propositadamente circular, para que não aconteçam demasiadas surpresas, sem a interferência correctiva de estratégias de fiscalização.

O espaço, o tempo e a lei unem-se num olhar totalizante e disciplinador contra o incómodo da doença psíquica.

Por isso mesmo, o dispositivo panóptico era uma arquitectura, mas também um somatório de outras áreas de intervenção: uma ideia de doença, um articulado legislativo, um tipo de manual de ensino, um modelo de receita, um conteúdo de medicamento. Alguns entre outros instrumentos da cura psiquiátrica.

Daí que o panoptismo fosse uma figura configuradora que fazia nascer em torno de si realidades com contornos gizados entre a saúde e a doença. Além disso, o aspecto de globalidade recobria extremos que compunham uma determinada lógica de vida e uma determinada lógica de morte.

Como o que caracteriza um dispositivo é esse encontro transversal de níveis variados, ele era, no caso, comandado por imperativos, a visar a mestria dos corpos e dos desejos, e a conformá-los a modelos de comportamento que não perturbassem a regra e o compasso da racionalidade, a esquadrihar tudo e todos.

Assim sendo, o resultado de tal orquestração confluía no sentido de um espaço comandado por linhas construtivas tendencialmente punitivas e por ambientes interiores eficazmente fiscalizados, como ainda no sentido de um tempo gerido por uma vontade de criar ritmos e intervalos, onde os vazios descontrolados seriam reduzidos e onde os gestos aleatórios seriam banidos.

Os códigos – do civil ao penal – vinham colmatar as brechas de uma qualquer flexibilidade de risco, com articulados que pretendiam preencher lacunas evasivas e tentar apossar-se dos cidadãos, em favor de uma sociedade modelada pelo teor performativo da razão. Os pelouros legislativos confluíam, pois, no caminho de uma jurisprudência cerrada, para afrontar qualquer expressividade absurda ou demente, fora dos paradigmas normais de comportamento.

“(…) A organização espacial esquadrijava o hospital psiquiátrico tradicional numa rede celular polimorfa. Reguladoras do edifício, a lei e a norma actuavam com regulamentos e regras que governavam o espaço dos corpos, segundo os sexos, as esquadrias das enfermidades, as terapêuticas e os medicamentos. O permitido e o proibido estavam omnipresentes, seguiam cada passo desse homem e dessa mulher que por ali penava, desprovidos de um nicho sentimental, qual almas perdidas, sem eira nem beira.”⁴

Cesário Verde retratou também os sentidos de uma forma muito personalizada.

“Lavo, refresco, limpo os meus sentidos.
E tangem-me, excitados e, sacudidos.
O tacto, a vista, o ouvido, o gosto, o olfacto!” (91)

Contrariando a prepotência sentimental da poesia purificada racionalmente,

⁴ Janeira, A. L. “O Panoptismo no espaço, no tempo e nas normas sobre a loucura”, in, *Estrias da Razão através da loucura - ?fazer Razão na Loucura?*, orgs. T. G. Fonseca, A. L. Janeira & L. A. Costa. (Lisboa: Apenas Livros, 2006), 24.

coube-lhe, aliás, a singularidade de captar o fundo sensorial lisboeta: cheiros aromáticos e maus odores apodrecidos, cadências de ritmos profissionais e toques de saltos elegantes na calçada.

“Como animais comuns, que uma picada es quente,
Eles, bovinos, másculos, ossudos,
Encaram-na sanguínea, bruta mente:
E ela vacila, hesita, impaciente
Sobre as botinhas de tacões agudos.” (94)

Olhares parados em troncos musculosos e na delicadeza de “milady”, sabores de frutas frescas e de vinhos em tabernas populares, como o tactear de uma pele macia.

Esta postura representava uma posição curiosa, próxima da moda parnesiana. A qual servia para denunciar uma das ambiguidades latentes no modelo seguido pela modernidade para conviver com os sentidos. Modelo definindo um percurso onde sempre ressaltaram furores e vicissitudes.

Além disso, o percurso acarretou consequências ambíguas na forma de avaliar a função dos sentidos, enquanto quota-parte da estrutura cognitiva e epistemológica, nomeadamente por atitudes extremas a resvalarem do entusiasmo à suspeição e à desconfiança.

Esta estrutura gnosiológica bipolar não existiu separada nem persistiu sozinha, associaram-se-lhe manifestações científicas idênticas, as quais tiveram efeitos na própria aparelhagem: seja pela consciência dos limites sensoriais, a necessitar de serem colmatados pela construção cada vez mais eficaz de aparelhos – telescópio, microscópio, termómetro, barómetro, balança, etc. –; seja porque, em abono da verdade, a tecnologia é desenvolvida para aumentar, mais e melhor, as capacidades sensitivas, as quais acabam por sair valorizadas pela presença do aparato instrumental, pelo menos indirectamente.

É óbvio que a Filosofia Moderna interveio fortemente, e desde sempre. De tal modo que por ela passaram os fundamentos teóricos mais extremos, naquilo que respeita a consignação do domínio dos sentidos ou do domínio da razão. Domínio, insiste-se bem, porque ninguém ousou negar a intervenção diminuta da parte defendida pelo opositor: nem John Locke (1622-1704) negou a razão, nem Gottfried William Leibniz (1646-1716) negou os sentidos.

Apesar disso, este é um bom exemplo de como se formaram genealogias imperativas persistentes, como a crítica às raízes sensoriais do conhecimento feita por René Descartes (1596-1650), dentro de um efeito originariamente francês mas com impacto em todo o mundo ocidental, o qual veio a culminar na denúncia do papel fundamental do “corte epistemológico” e da “ruptura epistemológica”, propostos por Gaston Bachelard (1884-1962) e sequazes.

Importa ainda realçar como a estrutura mental ocidental e a metodologia científica dependeram de “visões do mundo” que se mantiveram apostadas em matrizes onde sempre enunciaram o ver como o mais importante dos efeitos sensoriais, seja porque é o primeiro a ser localizado no corpo dentro de uma concepção vertical, seja porque lhe é atribuída uma importância primordial no contacto com a realidade. A *weltanschauung*, a funcionar de facto como uma visão de conjunto, foi moldada por este protótipo, pelo menos no pensamento ocidental. E tão ligada permaneceu a esta perspectiva, delimitada pela dependência estrita dos seus campos interpretativos, que não só a poesia como a linguagem afectiva se serviram de imagens alimentadas pelos

“olhos da alma”... ”⁵.

***/**

Anexo

Inovação - Tradição - Globalização (Projecto: marcas das ciências e das técnicas pelas ruas de lisboa)

Objectivos

É sua finalidade preparar produtos que fornecerão informações históricas e actuais, para mostrar como certos percursos pelas ruas do centro lisboeta facultam o contacto com a cultura científica e técnica que merece ser conhecida, pelo papel que representa na malha urbana e pela consciência que concorre, a nível da Europa e do Mundo.

Para isso, tomou como primeira orientação a recolha de dados sobre toponímia, estatuária e edificado ligados a áreas científicas e técnicas^{[1][1]}, preparada no âmbito das disciplinas de História das Ciências, Sociologia das Ciências Filosofia das Ciências e Ética das Ciências e Técnicas, ministradas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, de 1993 a 2000.

As fichas foram elaboradas por uma equipe interdisciplinar, desmembrada segundo zonas[2][2], a quem coube conceber o modelo dos 4 tipos de ficha e preenchê-las.

Consultores

- Ana Luísa Janeira - Departamento de Química e Bioquímica, FCUL - História e Filosofia das Ciências
- Antonieta Moellon – Bibliothèques de France, reformada - Ciências Documentais
- Edite Alberto - Museu da Cidade, CML - História
- Fernanda Frazão - Editora Apenas Livros - História
- Isabel Cruz - Química
- José Augusto Mourão – Departamento de Ciências da Comunicação, FCSHUNL - Semiótica
- Estela Guedes - Museu Bocage, MNHNUL, reformada - Línguas e Literaturas Modernas
- Francisca Viegas - Departamento de Química e Bioquímica, FCUL - Química
- Margarida Pino - Biblioteca, FCUL - Ciências Documentais

Colaboradores

Alfredo Ramos Anciães – Museologia; Ana Guedes – Química; Ana Martins – Arqueologia; Catarina Oliveira – História; Diana Cruz – Química; Daniel Valente – Urbanismo; Elisabete Fernandes – Estatística; Frederico Melaneo – Engenharia; Filomena Vicente – Arquitectura; Isabel Janeira – Secretariado; José Gema – Fotografia; Maria José Mergulhão – Secretariado; Joaquina Parra - Ciências da Educação; Luísa Borralho - Arquitectura Paisagista; Luís Maçarico – Antropologia; Teresa Bispo - História de Arte; Manuela Ferreira – História; Maria Mascarenhas – Estatística; Mafalda Pedroso – Matemática; Manuel Seoane – Direito; Nuno Silva –

⁵ Janeira, A. L. “A visão e os outros sentidos até à pós-modernidade”, in, A construção visual entre as artes e as ciências, orgs. A. L. Janeira & P. Assunção (São Paulo: Arkê Editora, 2006), 148.

Química; Paulo Pinto – História; Sara Aguiar – Química; Sílvia Câmara - História de Arte; Sara Sousa – Química.

Webmasters

Miguel Morais - Engenharia Electrotécnica e Computação; Nuno Miguel Neves - Informática, Centro de Informática, FCUL; Pedro Rosa - Informática, Centro de Informática, FCUL

- Digitalizar o material existente: tarefa assumida pela Editora Apenas Livros em 2006.
- Estruturar uma equipe interdisciplinar, incluindo áreas como estudos lisiponenses, arquitectura, história das ciências e técnicas, ciências da comunicação e design, para avaliar o ficheiro existente, verificar o conteúdo dos percursos em torno de pólos maiores de implementação urbana (século XIII - século XX) e propor o preenchimento de vazios, bem como a substituição de fichas de incompletas ou de imagens de má qualidade. Tarefas em curso, realizadas por uma equipa com mais de trinta colaboradores.
- Disponibilizar a base de dados em rede usando a infra-estrutura informática gerida pelo Centro de Informática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Tarefa em curso
- Preparar um telemóvel integrando a base de dados, com a colaboração da TMN: tarefa a começar em Janeiro de 2008.
- Traduzir para o inglês.

Produtos em português e em inglês: Sítio; Livro; Telemóvel; CD-ROM; Desdobráveis com sugestões de descoberta para diferentes públicos.

Bibliografia

- Janeira, A. L. O positivismo e o neo-positivismo em debandada. (Texto 50, Coimbra: Instituto de Antropologia, 1986), 7.
- _____. “As exposições universais do século XIX: pavilhões efémeros, progresso sem fim”, in, O Mundo Ibero-americano nas Grandes Exposições, orgs. J. Augusto Mourão et al. (Lisboa: Vega, 1998), 11-30.
- _____. “Importância da Química numa propedêutica para as escolas de aplicação do exército e da marinha (1837-1911)”, in, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. 150º aniversário da Escola Politécnica, 75º aniversário da Faculdade de Ciências. (Lisboa: Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 1987), 87-97.
- _____. Sistemas epistémicos e ciências. Do Noviciado da Cotovia à Faculdade de Ciências de Lisboa. (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987), 225.
- _____. “El escenario da naturaleza en los Museos de Historia Natural”, in, Las Ciencias Químicas y Biológicas en la Formación de un Mundo Nuevo. (México D.F.: Universidad Autonoma Metropolitana, 1995), 139-147.
- _____. “A Escola Politécnica de Lisboa (1837-1911): organização do espaço, produção do discurso e sistema epistémico. The Polytechnic School of Lisbon (1837-1911): space organisation, production of scientific discourse and epistemic system”, in, Demonstrar ou Manipular? O Laboratório de Química Mineral da Escola Politécnica de Lisboa na sua época (1884-1894). Demonstrate or Manipulate? The Mineral Chemistry Laboratory of the Polytechnic School of Lisbon in its Age (1884-1894), orgs. A. L. Janeira et al. (Lisboa, Livraria Escolar Editora, 1996), 29-51.
- _____. “Há cem anos era assim”, in, Agenda 2001. Os nossos avós, coord. A. L. Janeria (Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2000), 3 p. URL: <

- <http://www.fc.ul.pt/agendaosossosavós>>.
- _____. “O Mundo nas Exposições Universais do Século XIX”, Boletim HFCT-História e Filosofia da Ciência e da Técnica" 3 (2001): 29-32.
- _____. “A memória na comunidade científica actual”, Territórios e Fronteiras, Cuiabá, 2004. Desde 2002 publicado em URL: < http://www.triplov.com/ana_luisa/memoria.html>
- _____. Inovação-Tradição-Globalização - Da lei entre o saber e o poder, in, Da Química e Da Lei. Escola Politécnica de Lisboa e Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1837-1997), coord. A. L. Janeira, M. Ferreira (col. especial.) & M. Pino (col. Especial) (Lisboa: Departamento de Química da Faculdade de Ciências de Lisboa, 2005), 2-35.
- _____. “O Panoptismo no espaço, no tempo e nas normas sobre a loucura”, in, Estrias da Razão através da loucura - ?fazer Razão na Loucura?, T. Gali Fonseca et al. (Lisboa: Apenas Livros, 2006).
- Janeira, A. L. & J. A. Mourão. “Falas de...”, in, Falas da terra. Natureza e ambiente na tradição popular portuguesa, orgs. A. P. Guimarães et al. (Lisboa: Edições Colibri, 2004), 81-91.
- Janeira, A. L. & C. L. Antunes, orgs. Marcas de indústria no ambiente de Alcântara. (Lisboa: Editora Barca Nova, 1984), 196.
- Janeira, A. L. & P. Assunção, orgs. A construção visual entre as artes e as ciências. (São Paulo: Arkê Editora, 2006), 150.
- Janeira, A. L., org. Ciências e técnicas nas instituições do Rato. (Lisboa: Editora Barca Nova, 1984), 176.
- Janeira, A. L. et. al. A Festa da Sciencia: vivências, reflexão e avaliação. (Lisboa: Edição Comemorativa do 2º Aniversário do Centro Interdisciplinar de Ciência/ Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), 1997).
- Janeira, A. L. et. al., orgs. Divórcio entre cabeça e mãos? Laboratórios de Química em Portugal (1772-1955). (Lisboa: Livraria Escolar Editora, 1998).

***/**

Ana Luísa Janeira

Professora Associada com Agregação em Filosofia das Ciências do Departamento de Química e Bioquímica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Co-fundadora, primeira coordenadora e actualmente investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL)

Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral

(e-mail: janeira@fc.ul.pt/ptaljaneira@sapo.pt)